

DOUTRINA MILITAR: Um afiador de espadas do Poder Naval

RODRIGO BOUÇAS*
Capitão de Fragata

SUMÁRIO

Introdução
Uma breve análise da evolução dos conflitos e a necessidade de adaptação ao combate
A relação entre doutrina militar e tecnologia
A contribuição do adestramento para a doutrina militar naval
Reflexões e considerações finais

INTRODUÇÃO

A capacidade de adaptação ao combate é um problema perene e desafiador que as forças militares enfrentam desde sua existência. Segundo Clausewitz, “a guerra é um duelo interativo, de duração indeterminada e que apresenta problemas muitas vezes insolúveis”, em todos os níveis. Por ser interativo, permite aos beligerantes se adaptarem. Ao mesmo

tempo, faz com que os problemas no campo de batalha assumam um caráter mutável e inconstante.

Ademais, observa-se que o caráter dos conflitos sofreu importantes mudanças, visto que, somados às questões de adaptabilidade dos adversários, os novos cenários são absorvidos pelo crescente e ininterrupto ritmo da evolução tecnológica. Adicionalmente, com o recrudescimento da guerra irregular, os atores

* Mestre em Segurança e Defesa pela Universidade Nebrija (Espanha). Encarregado da Divisão Coleta e Difusão do Centro de Desenvolvimento Doutrinário de Guerra Naval (CDDGN).

neste contexto são diversificados, e os inimigos não são mais clássicos e claramente identificáveis, tornando a guerra um fenômeno ainda mais complexo no século XXI.

O papel da doutrina militar no processo de adaptação ao combate é muitas vezes negligenciado. A doutrina, embora não prescritiva, orienta o ensino e o adestramento no campo do preparo, bem como serve de multiplicador de força do poder de combate no uso da sua organização e da tecnologia empregada.

Dessa forma, percebe-se que, diante dos novos e antigos desafios impostos pelos conflitos armados, o desenvolvimento doutrinário assume papel de protagonismo. No contexto do ambiente marítimo, uma Força Naval deve ajustar seus componentes de táticas, técnicas e procedimentos (TTP), de forma a enfrentar um mundo cada vez mais imprevisível e instável.

O presente artigo ambiciona elucidar como o desenvolvimento doutrinário cumpre relevante ofício no combate naval do presente e do futuro, servindo como um “afiador de espadas” do Poder Naval.

UMA BREVE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS CONFLITOS E A NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO AO COMBATE

Ao menos que as Forças Armadas sejam guiadas por doutrinas apropriadas, o tamanho de uma força ou a capacidade de suas armas não são garantias de vitória.

I. B. Holley Jr., *Technology and Military Doctrine*, 2004

A combinação tecnológica teve o efeito de distanciar os líderes militares do contato com o campo de batalha

O fenômeno da guerra, segundo o seu maior teórico, Carl von Clausewitz, é mais que um verdadeiro camaleão. Tal figura de linguagem é considerada uma das grandes contribuições do autor ao ensino militar e é evidenciada a cada conflito armado deflagrado. Em um esforço para antever a natureza e as características dos próximos conflitos, foi idealizado por William S. Lind um modelo de classificação da guerra moderna segundo as mudanças qualitativas em sua conduta tática. Segundo a teoria de Lind, abordaremos a relação simbiótica da evolução dos conflitos e a necessidade de adaptação ao combate.

A ordem mundial pós-westfaliana, iniciada em 1648, introduziu a noção dos exércitos profissionais como um atributo fixo da guerra por meio do Estado. Desse momento até a Era Napoleônica, as guerras eram caracterizadas pelo combate linear, por formações cerradas e batalhas campais. Para Lind, essas eram as chamadas guerras de primeira geração, nas quais a disciplina reduzia-se à rígida obediência aos superiores e a “iniciativa e a liberdade de ação, em geral, eram indesejáveis”, e, por tal motivo, as mudanças táticas eram lentas e pouco significativas (VISACRO, 2008).

A Revolução Industrial (RI) deu origem a uma nova geração de conflitos, promovida pelo salto tecnológico. Ao contrário das Guerras Napoleônicas, durante a I Guerra Mundial (GM), a combinação tecnológica, com a dispersão das forças em longínquos terrenos, teve o efeito de distanciar os líderes militares do contato com o campo de batalha. Alterações na estrutura organizacional dos exércitos e a

introdução de novos meios de comunicação, como o telégrafo, foram necessárias a fim de viabilizar o Comando e Controle.

Os porta-aviões representam a mais poderosa unidade de uma Força Naval. Quando a Guerra do Pacífico começou, em dezembro de 1941, pouco se sabia sobre táticas de emprego dos porta-aviões porque a Alemanha e a Itália não as possuíam. Em vista da necessidade, EUA e Japão tiveram que formular táticas baseadas em suposições sob a ameaça de intensos ataques aéreos.

No mar, as ações antissubmarino tiveram que se moldar constantemente à guerra de curso conduzida pelos submarinos alemães. As adaptações em táticas e procedimentos advindas do avanço tecnológico permitem enquadrar a II GM como guerra de segunda geração.

Uma característica marcante das guerras de terceira geração é o emprego de tropas móveis com ataques rápidos e de surpresa, com a finalidade de evitar que as forças inimigas, mesmo dotadas de grande capacidade de fogo, tivessem tempo de organizar uma defesa e, assim, fossem facilmente derrotadas¹.

A partir da Guerra Fria (1947-1991), a condução da guerra passou a basear-se mais na velocidade e na surpresa do que no poder de fogo e no atrito característicos da II GM. A tática do inimigo mais fraco passa a ser a de pausar e colapsar em vez de avançar e destruir. Esse é o lema da guerra não linear e das guerras de terceira geração.

Baseadas na evolução dos conflitos e nas suas alterações morfológicas, as guerras futuras, previstas por diversos autores, concentram-se na perda do monopólio estatal sobre o uso da força e na mudança de enfoque do exército inimigo para o inte-

rior da sociedade oponente, privilegiando objetivos psicológicos em detrimento dos objetivos físicos (VISACRO, 2008). São as chamadas guerras de quarta geração, conceito que serviu de referência para novos modelos, como as guerras de quinta geração e a guerra híbrida.

Ao ingressarem na era da informação, as novas guerras serão decididas nos níveis operacional, estratégico, mental e moral, em vez dos níveis tático e dos domínios físicos (VISACRO, 2008). Portanto, ao se verificar quão rápidas e profundas são as alterações no caráter dos conflitos, devemos procurar entender como todas essas mudanças afetarão a conduta da guerra no século XXI. Deste modo, a doutrina militar se mostra tão importante quanto a própria vitória no campo de batalha.

A RELAÇÃO ENTRE DOUTRINA MILITAR E TECNOLOGIA

Doctrinal inadequacy is no less often the cause of defeat, or of unnecessary reverses, than is technological backwardness.

Ao longo dos anos, as adequações doutrinais foram características de instituições bem-sucedidas, que, de algum modo, sofreram sob pressões do conflito ou do risco de se envolverem em um. Contudo, antes da Revolução Industrial, as mudanças em TTP caminharam a passos lentos, haja vista que a doutrina militar não era considerada um fator crucial para o sucesso no combate (WILLIAMSON, 2020).

Até mesmo Clausewitz, que viveu durante a RI, afirmava que o armamento e o equipamento não eram essenciais

¹ Exemplo foi a tática da *blitzkrieg* ou guerra-relâmpago (tática militar alemã).



Figura 1 – Tripulação de navio argentino ostentando o torpedo Whitehead

para a concepção da luta. O pensador prussiano continuava a ver os números e os efetivos como decisivos, mesmo quando o mundo adentrava em uma era de poder das máquinas.

A evolução da metalurgia permitiu a construção de armas de grande dimensão, capazes de resistirem a maiores pressões internas. Com a utilização das almas raia-das², passou a ser possível disparar projéteis cilíndricos que apresentavam uma massa três vezes superior à dos projéteis esféricos de igual calibre. Somado a isso, o aumento radical do alcance efetivo do armamento e da capacidade de resistência das blindagens dos novos navios resultou em formações táticas a distâncias de combate muito superiores que as de outrora.

Outro tipo de arma que evoluiu no período em análise foi o torpedo. A sua

rápida evolução permitiu que pequenas unidades navais viessem a adquirir um potencial ofensivo capaz de destruir unidades de grande tonelagem. Os primeiros torpedos autopropulsados datam de 1866 e, já em 1877, com a introdução do giroscópio e de câmaras de ar, alcançavam 800 metros a uma velocidade de 18 nós (BROWN, D. K., 2006). Em 1914, os torpedos alemães modelo Whitehead Mark II registravam um alcance de 10 mil metros e velocidade de 28 nós. Logo, a evolução no alcance dos torpedos levou as grandes unidades navais, como os cruzadores e os couraçados, a incorporar tubos de lançamento de torpedos em caráter defensivo. Ademais, obrigou a repensar, em nível tático, as formações de combate, incluindo manobras evasivas antitorpédicas.

2 As armas de alma raiaada possuem, na parte interna do cano, estrias helicoidais que fazem com que os projéteis girem em torno do próprio eixo. Essas estrias permitem que o projétil saia girando da arma, detalhe que ajuda a alcançar maiores distâncias com muita precisão.



Figura 2 – Veículo de superfície não tripulado em ataque ao Navio-Anfibio *Olenegorsky Gornyyak*
Fonte: *O Globo* (2023)

Mais recentemente, os malogrados resultados das intervenções no Oriente Médio evidenciam que enfrentar um oponente irregular sem uma doutrina apropriada ou adaptada ao ambiente operacional é o prelúdio de um malfadado estado final.

O prolongamento nos conflitos assimétricos demonstra que as forças interventoras, apesar de possuírem a supremacia na guerra convencional, tampouco estavam bem organizadas ou preparadas para o combate irregular. As táticas irregulares de insurgentes, guerrilheiros, mercenários ou mesmo de alguns atores estatais têm permitido compensar a vantagem oferecida pela tecnologia superior dos meios militares, ilustrando a complexidade do conflito assimétrico.

A capacidade de inovação tecnológica é fundamental às Forças Armadas que desejam sobreviver ao tempo, além de ser atributo indispensável para a dissua-

ção. Não obstante, a história recente dos conflitos tem nos mostrado que a superioridade numérica ou tecnológica tem sido sobrepujada pontualmente pelo emprego de tecnologias de baixo custo, alinhadas a TTP não convencionais empregadas pelas forças não dominantes.

A CONTRIBUIÇÃO DO ADESTRAMENTO PARA A DOCTRINA MILITAR NAVAL

Enfrentar um oponente irregular sem uma doutrina apropriada ao ambiente operacional é o prelúdio de um malfadado estado final

A finalidade para a qual um militar é recrutado, uniformizado, armado e treinado é simplesmente que ele deverá lutar no lugar certo e na hora certa.

(CLAUSEWITZ, *Da Guerra*, p. 95)

Os exercícios operativos são as ferramentas usadas nas forças militares para vencer batalhas reais, sem os desgastes material e humano causados por um conflito. A ênfase no adestramento está

na preparação de tripulações e grupamentos operativos nos diversos aspectos da guerra. O adestramento e a sua posterior avaliação e análise podem revelar áreas em que seja necessário mais treinamento, individual ou coletivo.

Não obstante, os exercícios no mar representam ferramenta imprescindível na identificação de falhas e possíveis boas práticas em doutrinas, táticas e procedimentos em situação de não guerra. É durante os exercícios operativos que uma força se adestra em cenários que simulam situações de hipóteses de emprego do instrumento militar na defesa dos interesses nacionais ou coletivos. Falhas em TTP, que provavel-

mente causariam problemas no campo de batalha, poderão ser identificadas, bem como a descoberta de possíveis ações inimigas não previstas que provocarão a idealização de novos procedimentos para se contraporem.

Por ocasião dos adestramentos em grupamentos operativos, os observadores e avaliadores devem estar focados nas capacidades da força naval e na efetividade dos atuais TTP. Para tal, devem se certificar de que o cenário do exercício e os objetivos de adestramento

são passíveis de extrair lições úteis ao incremento do emprego da força. Tal pensamento é reforçado por um estudo elaborado por Frederick Thompson⁴, no

Uma força naval deve possuir um programa de adestramentos de complexidade gradativa para que falhas sejam rapidamente corrigidas



Figura 3 – Navios da Otan durante o exercício Steadfast Defender³
Fonte: Otan (2024)

³ Steadfast Defender 24 é considerado o maior exercício militar da Otan desde a Guerra Fria e se desenvolve a partir de um cenário que simula a defesa contra a invasão de um dos países-membros da aliança.

⁴ Frederick Thompson foi membro do Operations Evaluation Group (OEG) do Center of Naval Analyses, na US Navy.

qual declara que “a proficiência de táticas de uma Força Naval, na dimensão de um grupo-tarefa, não pode ser facilmente investigada em exercícios simples e sistematicamente controlados”.

O que o referido autor pretende alcançar com seu pensamento é que as habilidades demonstradas em problemas de batalha de baixa complexidade não necessariamente oferecem o mesmo valor doutrinário que aquelas observadas em simulações mais complexas e realistas. Entretanto uma força naval deve possuir um programa de adestramentos de complexidade gradativa para que falhas simples no mais baixo nível da doutrina sejam rapidamente corrigidas.

Dessa maneira, de forma a dirimir essa dicotomia, sugere-se, primeiramente, alinhar os objetivos de adestramentos com o desenvolvimento doutrinário, bem como analisar com cautela os relatórios de exercícios, de modo a extrair conclusões relevantes das experiências observadas nos adestramentos, em seus distintos graus de complexidade.

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As peculiaridades da guerra naval contemporânea apresentam todas as

incertezas e fricções que caracterizaram os conflitos do passado. O entorno operacional do combate moderno, dominado por percepções imprecisas em meio à aderência a tecnologias disruptivas, confere ao Poder Naval um dos mais persistentes desafios que as organizações militares enfrentam: a necessidade de adaptação sob as implacáveis condições do combate. Dessa forma, para se obter eficácia, uma Marinha crível depende de doutrina sólida, derivada de avaliação precisa da dinâmica da batalha moderna e da perfeita compreensão de todas as suas implicações.

Uma força com grande efetivo e com sistemas de armas modernos não é suficiente para garantir o sucesso em um “duelo de vontades”, a menos que as Forças Armadas sejam guiadas por doutrinas apropriadas. No mundo militar, as melhorias tecnológicas e o aprendizado doutrinário devem caminhar sinergicamente.

Por fim, a História nos mostra que nem a sofisticação tecnológica, nem a sobrepujança numérica são garantias de êxito no combate naval. Uma Marinha deve desenvolver-se apoiada no trinômio doutrina-tecnologia-adestramento a fim de que possa cumprir a tarefa para a qual é vocacionada: a defesa dos interesses do país.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Arte da Guerra; Estratégia; Logística; Pensamento Militar; Planejamento Militar; Princípios da Guerra;
<FORÇAS ARMADAS>; Adestramento; Poder Naval;
<GUERRAS>; Guerra; Guerra Naval;

REFERÊNCIAS

- BALTAZAR, C. S. B. *Guerra híbrida em ambiente marítimo*. Tese de Doutorado, 2017.
- BENJAMIN M. JENSEN. *Forging the Sword*. Doctrinal Change in the U.S. Army, 2016.
- BROWN, DAVID K. *The way of a ship in the midst of the sea: the life and work of William Froude*. Cornwall (UK): Periscope Publishing Ltda, 2006.
- I. B. HOLLEY JR. *Technology and military doctrine essays on a challenging relationship*, 2004.
- MURRAY, W. *A necessidade de adaptação ao combate*. Biblioteca do Exército, 2020.
- OTAN, 2024. “Steadfast defender 24”. Disponível em: www.nato.int/cps/en/natohq/222847.htm#timeline. Acesso em: 14 maio 2024.
- GLOBO, 2024. “Drone marítimo ataca e destrói parcialmente navio russo, diz inteligência ucraniana”. Disponível em: www.g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/08/04/drone-maritimo-ataca-navio-russo.ghtml. Acesso em: 14 maio 2024.
- THOMPSON, F. *Did we learn anything from that exercise? Could we?* Naval War College Review, vol. 35, n. 4 (July-August, 1982), pp. 25-37.
- VISACRO, A. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. Editora Contexto, 2009.
- VISACRO, A. *Guerra na Era da Informação*. Editora Contexto, 2018.
- VON CLAUSEWITZ, C. *On war*. Jazzybee Verlag, 1950.